

a invenção da antiguidade

the invention of the antiquity

bianca fanelli morganti¹

cristiane maria rebello nascimento²

No século XIV, vemos surgir a ideia da antiguidade como modelo a partir do qual será forjada a modernidade. Petrarca, Leonardo Bruni, Coluccio Salutati, entre outros, dedicaram-se aos estudos das antigas disciplinas, os *studia humanitatis*, tendo em vista reestabelecer em tempos modernos a excelência que alcançaram os antigos nas várias artes e saberes. O entusiasmo de Petrarca pela antiguidade romana manifesta-se não apenas em seu esforço em recolher e comentar textos romanos antigos, com particular ênfase no gênero histórico, em reelaborar os diversos gêneros antigos em língua latina, mas igualmente em compilar inscrições antigas e colecionar moedas dos imperadores romanos. Sua admiração pela antiguidade estende-se também às ruínas romanas, embora seja guiado ainda pelos textos medievais do *Mirabilia Urbis Romae* e do *Graphia Aurea Urbis Romae*.

Apenas no século XV essas antigas relíquias textuais e artísticas serão estudadas e imitadas com sistemático empenho filológico e antiquário, como é o caso da *Elegantiae Linguae Latinae* (1444), de Lorenzo Valla, uma prescrição do correto uso do latim ciceroniano, e da obra topográfica de Flavio Biondo, *Roma Instaurata* (1444-48), que ilustra e reinterpreta a grandeza da Roma antiga através do estudo de suas ruínas. Leon Battista Alberti toma da antiguidade latina os modelos para seus escritos literários e seus tratados de arte. Assim como os artistas que elogia no prólogo de seu tratado *Da Pintura*, o arquiteto Brunelleschi e o escultor Donatello, Alberti se dedicará ao estudo e à anotação matemática das ruínas romanas.

Ao longo dos séculos XV e XVI, a erudição humanista continuará a guiar o olhar dos intelectuais e dos artistas em direção à imitação dos modelos antigos. Exemplo disso é a descoberta do grupo escultórico do *Laocoonte*, em Roma, em 1506, que foi incansavelmente imitado em mármore, em pintura e em poesia. A razão pela qual o grupo foi considerado a maior descoberta antiga até o século XVIII, deve-se ao fato de que foi imediatamente reconhecido graças a dois textos latinos antigos de enorme importância para o período:

¹ Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: bianca.morganti@unifesp.br

² Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: cristiane.nascimento@unifesp.br.

a passagem do livro II da *Eneida*, na qual Virgílio descreve, através da narrativa feita por Enéias, a morte do sacerdote troiano e de seus dois filhos, e a notícia que Plínio, o velho, dá na *Historia Natural*, localizando o grupo nas imediações das termas de Tibério.

Uma vez que antiguidade fornecerá ao longo desses séculos um modelo de excelência e dignidade a ser imitada pelos modernos nos vários campos do saber - na filosofia moral, nas letras e nas artes -, o presente número da Revista Limiar reuniu reflexões contemporâneas a respeito da importância dos modelos antigos na constituição de um pensamento moderno. O dossiê se abre com o artigo de Marina Massi que estuda a constituição dos saberes psicológicos em época moderna, a partir da tradição aristotélico-tomista e hipocrático-galênica no pensamento jesuítico a respeito da psique. Sergio Xavier Gomes de Araújo nos propõe observar a recuperação de conceitos estoicos fundamentais como a *constantia*, a *prouidentia* e o destino na produção neo-estoica, a partir da relação, muitas vezes, ambígua, entre esses conceitos e os dogmas cristãos tal como manifestada em autores como Justus Lipsius e Guillaume Du Vair. Em ‘Dante e a *uirtus* dos heróis da república romana no início do século XIV’, Felipe Faria Camargo busca compreender, a partir das obras *Convivium* e *De Monarchia*, como Dante teria concebido a virtude dos antigos cidadãos romanos em uma chave de leitura histórico-moralizante que teve grande fortuna também no pensamento político moderno. A partir do confronto entre duas das traduções da *Política* de Aristóteles, uma publicada em 1268 pelo frade dominicano Guilherme de Moerbeke e a outra, de autoria de Leonardo Bruni, datada já de 1438, Fabrina Magalhães Pinto analisa as escolhas tradutórias de Bruni, inserindo-as no projeto político do autor quatrocentista.

O artigo de Leonardo Ferreira Kaltner reflete sobre o ensino da gramática, da filosofia e da poesia enquanto expressão de uma percepção estética da Renascença pautada na chamada Antiguidade Clássica. A análise proposta parte da recepção do humanismo renascentista tal como documentada no plano de estudos do Colégio de Guiana, influente instituição na formação de humanistas franceses e também portugueses, como os ilustres André de Gouveia e José de Anchieta. Também no contexto da recepção da antiguidade greco-romana, Leandro Manenti aborda as releituras feitas da obra *De architectura* de Vitrúvio no século XVI, quando a obra é impressa, ilustrada, comentada e traduzida. O estudo de Manenti procura demonstrar a importância dessas reinterpretções na consolidação de uma nova arquitetura que, por sua vez, resultou na construção de um campo disciplinar próprio. Em “Os paradoxos de Schiller sobre o classicismo, Lucas Maximiano aborda a relação do filósofo alemão com o passado tendo em vista a sua busca nos antigos gregos, enquanto referência de um passado ideal e modelo cultural com o qual o presente é criticamente comparado, de ferramentas que o auxiliassem a pensar a formação de uma sociedade futura. Em “Fragmentos de um retrato político de Petrarca: peças antigas de um mosaico moderno”, Bianca Morganti analisa o uso feito por Petrarca de *exempla* e *tropoi* tomados da antiguidade greco-romana, e particularmente de Tito Lívio, para expressar suas concepções de *república* e *império* em sua manifesta adesão ao projeto político de Cola di Rienzo. Leonardo Bruni e sua concepção tradutológica retorna como tema do artigo de Adriano Scatolin. A partir da carta a Niccolò Niccoli que opera como prefácio à obra *Cícero Novo*, esse estudo analisa a natureza da imitação de Cícero proposta por Bruni e consequente polêmica estabelecida com seu contemporâneo Iacopo Angeli.

O dossiê ‘A invenção da antiguidade’ se encerra com a tradução inédita feita por Cristiane Maria Rebello Nascimento da parte inicial do opúsculo *Da imitação*, publicado originariamente em Veneza, no ano de 1544, de autoria do humanista Giulio Camillo Delminio.

Por fim, na seção “Artigos”, nos encontramos com o estudo de Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros sobre o cinema e suas relações com o pensamento e demais processos psicológicos que, embora dedicado à reflexão sobre uma linguagem artística

nascida já em tempos modernos, não deixa de remontar, desde a sua origem, a um antiquíssimo desejo de registrar imagens em movimento.